Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. ed. 17. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

O DESAFIO DA APRENDIZAGEM EM CRIANÇAS COM TDAH

SOLANGE BARROS MAZALI ANJOS

RESUMO

O objetivo desse trabalho é destacar os desafios inerentes à aprendizagem, com enfoque em crianças com TDAH, evidenciando as características das crianças portadores de TDAH. Considerando assim um grande obstáculo no processo de aprendizagem, os alunos que apresentam algum tipo de déficit, tendo no professor o papel fundamental de identificar e agir, porém não existem planos de ação suficientemente eficazes para atuarem de modo efetivo e eficaz com essas crianças. A metodologia apresentada neste trabalho foi elaborado com base em pesquisas bibliográficas, explorativa qualitativa, visando fundamentar teoricamente através do conceito da área com base referencial em autores renomados, com viés para discutir sobre o tema. Constatando assim que TDAH é um transtorno relativamente novo, onde o conhecimento público dessa condição médica iniciou-se na década de 1970, os médicos iniciaram estudos mais profundos sobre funções do cérebro e comportamento humano até então os pais eram considerados culpados por serem crianças muito flexíveis, onde eram punidas fisicamente na escola ou em casa, porém felizmente, a maioria dos países não adotam mais esse método de punição para disciplinar crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Déficit de Aprendizagem. Educador

1.INTRODUÇÃO

De acordo com Silva (2015), todos já ouvimos falar de crianças hiperativas, que não conseguem ficar paradas, correm de um lado para o outro, escalam móveis e vivem a mil, como se estivessem plugadas na tomada, ou aquelas desastradas, desajeitadas, que não conseguem prestar a atenção em nada, portando não sendo raro apresentarem dificuldades de aprendizagem e de relacionamento, transformando a sala de aula em campo de batalha, gerando a incompreensão de pais, amigos e professores, nos quais normalmente recebem rótulos de rebeldes, mal educados, indisciplinados, preguiçosos etc.

Diante disso espera-se que o educador tenha formação adequada para identificar os alunos com dificuldades decorrentes da aprendizagem, pois como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em Pedagogia e

Licenciatura (BRASIL, 2006), em seu artigo V: “o curso é destinado à formação de professores que sejam capazes de reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas e cognitivas emocionais e afetivas dos educandos, nas suas relações individuais e coletivas”.

Ao se deparar com a sala de aula em que a diversidade entre as crianças é tamanha e que os alunos apresentam dificuldades acentuadas tanto no processo de aprendizagem quanto na modelagem de seus comportamentos, o professor pode ter a percepção de desamparo, por falta de ferramentas e estratégias de manejo que são necessárias para os alunos, sendo assim nasce à justificativa desse trabalho no qual o ambiente escolar é desafiador para ambas as partes e sabe-se que o feedback negativo ou situações de aprendizagem marcadas pela emoção desagradáveis podem eliminar a curiosidade e entusiasmo a qualquer nova aprendizagem.

Como destaca Silva (2015), com o passar do tempo, o próprio TDAH se irrita com seus lapsos de dispersão, pois eles acabam, gerando além de problemas de relacionamento interpessoal, grande dificuldade de organização em todos os setores de sua vida. Tal situação pode ser comparada a um carro cujo motor está desregulado e consome bem mais combustível e submete suas peças a um maior desgaste, resultando em menor durabilidade e desempenho.

A justificativa desse trabalho se dá a partir de questionamentos no manejo comportamental pelo professor no âmbito da sala de aula com alunos identificados com TDAH, exigindo assim esforços integradores e complementares para que haja integridade física, social, emocional e intelectual com essas crianças, refletindo nos desafios educacionais presentes na atualidade, para oferecer alternativas para as tendências que segregam os chamados problemas de aprendizagem.

O objetivo desse trabalho é destacar o conhecimento para o educador, sobre o TDAH, possibilitando auxiliar no trato com esses alunos e as dificuldades inerentes a esse tipo de comportamento que poderá ser somente comportamental ou, dependendo do grau, interferir no aprendizado e consequentemente no acompanhamento da turma em sala de aula, tendo assim o professor papel fundamental no seu desempenho.

No primeiro momento iremos abordar o TDAH, em um segundo momento destacaremos as dificuldades do aprendizado, e posteriormente as técnicas aplicadas em sala de aula para facilitar a interação dos alunos portadores de algum tipo de déficit.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um olhar sobre TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno de comportamento com base neurobiológica, que atua mais especificamente no desenvolvimento do autocontrole, na capacidade de controlar os impulsos e de conseguir se organizar em relação ao tempo, aos prazos e ao futuro em geral, com as demais pessoas que estão aptas a fazer.

Para Dorneles (2014), o TDAH é um transtorno neurobiológico com etiologia multifatorial incluindo fatores genérico e ambientais, caracterizado por um padrão persistente de desatenção/ e ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento escolar, familiar e social destas crianças.

Já para Carreiro et. al (2015), os sintomas podem ser percebidos de maneira mais evidente a partir dos primeiros anos de escolarização dado as demandas de aprendizagem no ambiente escolar, onde esse transtorno acarreta comprometimentos no

funcionamento pessoal, social e acadêmico da criança e sua apresentação inclui sintomas tanto de excesso comportamentais, quanto déficits em atingir alguns marcos esperados do desenvolvimento em habilidades cognitivas.

Estudos apontaram para uma variedade de sub- agrupados de transtornos, e um crescente reconhecimento de que o TDAH, como veio a ser denominado, era na realidade um distúrbio psicológico complexo, particularmente o nível da dopamina no cérebro dessas crianças, onde também foram encontradas diferenças estruturais tais como, atraso no desenvolvimento do córtex frontal e o lobo temporal, havendo assim a possibilidade empírica da doença.

As principais características de crianças portadoras de TDAH é distrair- se facilmente devido aos estímulos internos (lembranças, pensamentos, desejos...) e aos estímulos externos (elementos visuais, sons, movimentos...), porém isso não significa que elas percebam mais estímulos do que as crianças sem transtorno, elas apenas percebem todos ao mesmo tempo. Portanto não há um déficit de atenção, e sim uma atenção multidirecionada, levando a uma incapacidade da criança de usar o tempo entre o estímulo e a resposta para planejar e representar mentalmente sua ação, organizando as informações.

A crescente demanda por diagnósticos nessa fase enfrenta obstáculos. Entre esses obstáculos estão conhecimentos limitados sobre o assunto, que dificultam o processo de identificação do TDAH, pois muitas vezes quadros de TDAH não são devidamente avaliados e diagnosticados, o que consequentemente resulta em registro reduzido do número de casos (TORGERSEN et al, 2016).

De acordo com Mattos et al (2006) ao lado do conhecimento aprofundado sobre as características do TADH, para embasar a identificação apurada do quadro, estão o método e os instrumentos de avaliação. Para prevenir equívocos no processo diagnósticos e evitar falso-positivos ou falso--negativos, é constantemente recomendada uma avaliação clínica minuciosa, na qual deve incluir anamnese estruturada por critérios bem definidos, onde o objetivo desta medida é diferenciar o TDAH de outros transtornos, entre eles os neurodegenerativos e neuropsiquiátricos.

Outra via que complementa o processo de diagnóstico é a avaliação comportamental, portanto a observação da sistomalogia comportamental do TDAH traz informações sobre formas de manifestação dos sintomas e como estes ocasionam prejuízos funcionais e outras dificuldades. De forma que os instrumentos de avaliação neuropsicológica e comportamental se traduzem em uma análise clínica e funcional do TDAH (ALVES, 2015).

2.2 As peculiaridades da dificuldade no aprendizado

As informações sobre as dificuldades de aprendizado têm se tornado o foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, pois as informações sobre essa problemática são poucas, gerando grandes enganos até mesmo entre os professores e outros profissionais de educação, diante disso, o termo dificuldades de aprendizado refere--se não só para um distúrbio, mas para uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico no qual raramente podem ser atribuídos

a uma única causa.

Como afirmar que a criança não aprende por ter dificuldades de aprendizagem se “os órgãos funcionais são altamente estáveis e permitem o ajustamento por meio da substituição de alguns componentes por outros que proporcionem habilidade de compensar os processos mentais prejudicados?” (GLOZMAN, 2014, 24).

O profissional que atua nessa faixa de atendimento escolar deveria conhecer a história pregressa das crianças com quem trabalha que é muito importante para a aprendizagem e desenvolvimentos futuros, pois

[...] a formação de pré-condições para sistemas funcionais começa durante o desenvolvimento intrauterino da criança. Um embrião de dois messe de vida é capaz de reagir ao toque; até o fim do terceiro mês, o embrião mostra atividade muscular para a postura ideal; e até o final do quarto mês, movimentos ativos começam a aparecer (GLOZMAN, 2014, p.25).

Para Glozman (2014) o desenvolvimento dos sistemas funcionais se dá, de maneira fáscia e distribuídos desigualmente de acordo com as formas crescente complexas de interação entre o organismo e o ambiente, ressaltando ainda que nesse processo, há períodos de relativa harmonia e outros críticos ou sensíveis, constatando que a aprendizagem vai ocorrendo em saltos quantitativos, cada salto funcional inclui um retrocesso temporário, que a rigor, uma pausa para uma aprendizagem maior e melhor.

Como alerta Freire (1997), ensinar é mais que transmitir conteúdos, é criar possibilidades de produção e construção de novos conhecimentos, tal processo ocorre numa via de mão dupla, onde as pessoas, embora investidas de papeis e competências diferentes, estão reciprocamente formando-se.

A sociedade atual requer novas formas de trabalhar em equipe, de assumir riscos, de ser proativo, de utilizar as ferramentas tecnológicas, de compreender situações a resolver problemas, de ser criativo, e isso implica em saber viver na diversidade, em saber ouvir o outro, saber acolher o diferente, em formar e preparar crianças para o incerto, para a mudança, para a paz e para resiliência.

Já para Osti (2004) as concepções dos professores acerca das dificuldades de aprendizagem baseiam-se na articulação dos conteúdos escolares com o rendimento do aluno, que passaram a referência para a interpretação da dificuldade de aprendizagem mediante a não aprendizagem, e o resultado não alcançado, dados esses extraídos do desempenho do aluno em comparação com os demais alunos da classe, pois se um alcança o que é esperado, por que o outro não? Se ele não atingiu o esperado, não chegou na etapa prevista é porque possui uma característica de dificuldade, ou seja, não é um referencial de aluno sem problemas.

Ainda em relação à variável competência acadêmica como indicador de dificuldades de aprendizagem, verificamos que estas são “[...] definidas como um grupo heterogêneo de problemas que interferem na aquisição de competências acadêmicas e em países como o Brasil em desenvolvimento, podem ocorrer em até 40 % das crianças nas series escolares iniciais” (CAR-

REIRO, 2015).

Embora os prejuízos neurológicos possam afetar qualquer área do funcionamento cerebral, as dificuldades que mais tendem a causar problemas acadêmicos são aqueles que afetam a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade para focalizar a atenção, pois até os déficits menores nessas áreas, que podem passar despercebidos dentro de casa, podem ter um impacto devastador na vida escolar.

Paiva e Azevedo (2009, p.6) entendem por dificuldades de aprendizagem "todos os entraves no processo de aprendizagem provocados não só por problemas cognitivos e/ou emocionais, mas também por situações geradas pela variável escola e pelos ambientes educacionais."

2.3 As relações do TDAH em sala de aula

A análise comportamental aplicada à sala de aula deverá considerar estratégias que maximizem mudanças de comportamento adequado ao contexto escolar na qual as intervenções proativas são aquelas que envolvem prioritariamente o manejo de eventos antecedentes do comportamento como, por exemplo, modificar as instruções de tarefas em sala de aula, porém já as reativas focalizam na implementação de consequências adequadas após a ocorrência de comportamentos desejáveis, por exemplo, o reforço positivo (DUPAUL, 2008).

Os apontamentos são imprescindíveis ao educador para o trato com crianças com TDAH:

-Evite colocá-los nos cantos da sala ou perto de portas e janelas o barulho pode trazer desconcentração;

- Coloque-o no centro da sala de preferência nas primeiras carteiras e perto de alunos mais tranquilos;

- Crie regras e rotinas, mais isso tem que ser como uma lei, TDAH tem dificuldades de se adaptar com mudanças;

- Sempre repita várias vezes às ordens e procure usar frases curtas.

- Deixe que a criança se mova peça pra realizar pequenas tarefas como apagar a lousa, distribuir atividades para as outras crianças. Tomando cuidado para que as outras crianças não achem que ele é o queridinho da professora, fazendo que todos ajudam cada um em um determinado momento;

- Mostre que o hiperativo é importante;

- Ao falar com ele olhe nos olhos;

- O hiperativo deve receber elogios quando for bem-sucedido;

- Cuidado em provocar algum constrangimento com esses alunos, se policie sempre;

- Desenvolva atividades diferentes que faça o aluno se interessar, alguns jogos são ideais;

-Usar agenda para informações com pais ou médicos; - Usar metodologia visual. (TANGARELLI,2016, p1).

Crianças com TADH são, em geral, inteligentes, com grande interesse pela natureza e dotadas de grande sensibilidade visual, apresentam bom desempenho nos esportes, possuem talento musical, habili-

dades em computação, muita energia, são afetuosas e espontâneas, porém essas características passam desapercebidas sob o peso de rótulos provenientes de condutas inadequadas.

Segundo Anastopoulos et al (2008), o tratamento do TDAH requer uma abordagem profissional multidisciplinar com foco em intervenções psicoterápicas cognitivas e comportamentais, bem como farmacológicas, a depender da gravidade dos sintomas. Além disso, na intervenção é necessária a participação de múltiplos agentes sociais, como pais e outros familiares, educadores, profissionais de saúde, além de treinamento específicos, cognitivo e comportamentais que a própria criança deverá receber (VASCONCELOS, 2010).

Os professores se queixam da agitação, falta de atenção e da desorganização do aluno hiperativo, mas sabem que se forem pensar nessas crianças como intencionalmente negligentes, mal-educadas, com pais ausentes e permissivos, não estarão sendo justos, e apenas acabarão por reforçar o sentimento de rejeição que elas apresentam.

3. CONCLUSÃO

Este trabalho focalizou nas causas do fracasso escolar, onde foi analisado a tentativa da explicação das dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar, diante disso com as transições contemporâneas na área do conhecimento e a evolução do mundo, o aluno com dificuldades não tem que ser necessariamente um fracasso, e, portanto, este “ser aprendente” deve ser guiado a vencer obstáculos através de estratégias e metodologias adequadas, pois atualmente os indivíduos com dificuldades de aprendizagem são protegidos por lei pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e recebem tratamento diferenciado na escola.

Os educadores, por sua vez, ficam desesperados por não conseguirem atingir seus objetivos com os resultados positivos, ocasionada na maioria das vezes por falta de conhecimento necessário nas instituições de ensino, resultando assim na ausência de proposta alternativa e efetiva de atendimento, na falta de ajuda, no apoio aos professores e supervisores, enfim, a todos que compõem o quadro de educação escolar.

Sendo assim, observar os procedimentos metodológicos, as práticas pedagógicas e os programas estabelecidos nas grades curriculares, que acabam interferindo negativamente e levando a uma não aprendizagem, por isso deve haver um compromisso científico de amenizar esse problema, redefinindo o papel da educação frente a crianças com dificuldades de aprendizagem na dimensão global.

Foi constatado na realização desse trabalho que o TDAH é um transtorno relativamente novo, onde o conhecimento público dessa condição médica iniciou-se na década de 1970, os médicos iniciaram estudos mais profundos sobre funções do cérebro e comportamento humano até então os pais eram considerados culpados por serem crianças muito flexíveis, onde eram punidas fisicamente na escola ou em casa, porém felizmente, a maioria dos países não adotam mais esse método de punição para disciplinar crianças.

Cursos com formação continuada para professores sobre transtorno do neurodesenvolvimento, podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades no reconhecimento de sinais sugestivos de TDAH,

com isso professor poderá ser promotor de encaminhamentos aos serviços de saúde sob critérios objetivos e mais precisos sobre os alunos, possibilitando assim que estes recebam avaliações necessárias.

Com objetivo de amenizar essa lacuna aos alunos de TDAH seriam oferecidas intervenções por profissionais da saúde habilitados no tratamento do TDAH, oferendo qualidade de vida e possibilitando a diminuição dos déficits que impactam tão drasticamente no cotidiano destas crianças.

4 REFERÊNCIAS

ABOTT, J. A. Quality Measurement of fruits and vegetables. Postharvest Biology and Technology 15. 1999.

ALVES, R.J.R. Compreensão e avaliação do TDAH: possíveis interlocuções entre abordagens neuropsicológica e analítica comportamental. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v.17 n 1,2015.

ANASTOPOULOS, A.D., Rhoads, L.H., & Farley. Aconselhamento e treinamento para os pais. Artemed: 3º edição, 2008.

BAHLS,S.C. Depressão: uma breve revisão dos fundamentos biológicos e cognitivos Curitiba: Interação , 1999.

CIASCA, S.M. Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre: Arte Medica, 2004.

CARREIRO, L.R.R. et al Habilidades cognitivas ao longo do desenvolvimento: contribuições para o Estudo da atenção concentrada. Psicologia – Teoria e Pratica v.17 n.2 p153-170,2015.

DORNELLES, B.V.et al. Impacto do DMS-5 no transtorno de aprendizagem em crianças e adolescentes com TDAH: um estudo de prevalência. Psychologies: Reflexão e Critica, v.27, n.4, p. 759-767,2014.

DUPAUL, G.J., School- based intervention for children with attention deficit hyperactivity disorder: Effects on academic, social, and behavioral functioning.International Journal of Disability, Development and Education, 2008.

FREDERICO NETO, F. et al. Dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental e Médio: a percepção de professores de sete escolas públicas de São Paulo- SP. Revista da Associação brasileira de Psicopedagogia, v.32, edição 97, 2015.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GLOZMAN, J. A pratica neurobiológica fundamentada em Luria e Vygotsky: avaliação, habilitação e reabilitação na infância. Tradução de Carla Anaurete. São Paulo: Memnon Edições Cientificas, 2014.

KUENZER, A. Z. O que muda no cotidiano da sala de aula universitária com as mudanças no mundo do trabalho? Em S. Castanho & M. E. Castanho (Orgs.), Temas e textos em metodologia do ensino superior (2ª ed., pp. 15-28). Campinas: Papirus, 2002.

MATTOS P, Abreu, P. B., & Grevet, E. (2003). O TDAH no adulto: dificuldades diagnósticas e de tratamento. Em L. A. Rohde & P. Mattos (Orgs.), Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (p. 219-236). Porto Alegre: Artmed.

MATTOS, P. et al. Adaptação transcultural para português da escala Adult SelfReport Scale para avaliação do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade